

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: IDENTIFICANDO TALENTOS E APONTANDO OPORTUNIDADES

GT Psicologia Escolar/Educacional: Formação, Pesquisa e Prática

Mariana Pricilia de Assis¹, Maria Aparecida Gomes Barbosa²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

¹ *marianasonhadora@hotmail.com*, ² *cidaufpe@yahoo.com.br*

O presente estudo apresenta o impacto que a disciplina de Fundamentos da Educação teve para futuros professores de geografia, da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte- UERN, do Campus Pau dos Ferros, alto oeste potiguar. Trata-se de uma resenha teórica, cujo corpus teórico é formado por Barbosa (2008), Bruner (2001), Cury (2014) Duarte (2004), Freire (1996), Marconi e Lakatos (2010). Pretendemos através desse trabalho abordar o papel da universidade na formação da autoestima dos sujeitos educandos contemporâneos, estudados por Bruner e Barbosa, que explicam como o jovem contemporâneo constrói o conhecimento disciplinar, afinal vivem em ambientes sociais hiperestimulados. Algumas universidades, no entanto, não estimulam o discente a serem autônomos. Por esse motivo, consideram inadequados os comportamentos do jovem. Estes são os resultados prévios encontrados por nós, após leituras e provocações dos encontros da disciplina em tela. Este estudo nos leva a refletir, enquanto futuros educadores, que a escola e principalmente a universidade insistem em cristalizar os comportamentos dos sujeitos que estão dentro de seus muros.

Palavras-chave: Talento do educando, fundamentos da educação, universidade, ambientes hiperestimulados, autoestima dos jovens.

INTRODUÇÃO:

Durante as aulas da disciplina fundamentos da educação na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), campus de Pau dos Ferros¹, tivemos a oportunidade de refletir sobre o papel da universidade na formação dos sujeitos educandos. Através de leituras prévias e discussões da disciplina, percebermos como ela é vista com relação a diferentes aspectos, por parte da escola, dos jovens, dos professores e dos pais, tendo cada um seu modo de pensar, e que alguns não sabiam sua real função. O resultado de cada aula da disciplina citada acima não eram simplesmente conteúdos programados para a memorização. O objetivo da prática pedagógica foi analisarmos o impacto da educação na vida dos futuros alunos quando formos docentes. De acordo com os estudos realizados na área, percebe-se que existe um grande *déficit* no ensino e enquanto não for percebido

¹ Pau dos Ferros é um município brasileiro no interior do estado do Rio Grande do Norte, Região Nordeste do país. Situa-se na microrregião homônima e mesorregião do Oeste Potiguar.

que isso precisa mudar, a educação permanecerá com esse sistema de valores, buscando apenas expor números que satisfaçam o estado, formando alunos sem consciência crítica e que certamente sofrerão com essa lacuna e terão que aprender com suas próprias experiências.

Dentre as muitas leituras sugeridas, uma em particular nos trouxe muita inquietação: o livro *Cultura da Educação*, de Jerome Bruner (2001), sobretudo quando aborda a perspectiva da educação a partir das culturas, uma vez que a mesma exerce bastante influência durante todo o processo escolar do sujeito. Bruner enfoca que a escolarização vem perdendo seu sentido, principalmente para o jovem contemporâneo, já que em todos os níveis de escolarização (da educação infantil à universidade) o estudante passa por uma padronização da mente, vendo-a uma hora como um dispositivo, tal qual um computador, que precisa de padrões e regras para avaliar os dados, e outra afirmando que a mente humana sofre influência da cultura, ou seja, dos costumes que foram herdados, de modo que contribuem em seu modo de pensar e agir na sociedade.

Todos nós possuímos algum talento, tal qual o modo como usamos a mente, o corpo, a voz, ou outros meios. O fato é que nem todos têm oportunidade de mostrar seus talentos, pois a sociedade é muito excludente e acaba selecionando apenas aqueles que lhe forem convenientes. Isso infelizmente também ocorre nas escolas, um aluno é excluído pela cor de sua pele, por sua classe social ou pelas suas incapacidades, como no caso dos deficientes físicos, que normalmente não são envolvidos em atividades culturais como danças, apresentações e teatro. Por serem considerados “diferentes” dos demais, ficam apenas como ouvintes, algo inaceitável, já que a escola é tida como um ambiente que promove a interação. Em alguns casos, eles nem mesmo participam das atividades normais de sala de aula, já que, “devido ao número de alunos”, o professor não pode dar a devida atenção àquele aluno especificamente. Onde estão os direitos desse aluno? Caso fique em casa, as autoridades irão até sua residência saber o porquê de aquela criança não estar indo a escola, mas quando a mesma comparece, é tratada como se não fizesse parte daquele meio.

Outro ponto culminante a ser tratado na contextualização que Bruner enfatiza é o papel da universidade na formação autônoma dos discentes, já que na instância educativa é preconizado o método cartesiano como prática do docente inerte. Assim, o aprendizado passa a ser muito seletivo, considerando apenas a intervenção na sala de aula de alunos que expõem o conteúdo programado, dando-lhe pouca importância aos que dialogam com suas próprias convicções do assunto abordado.

METODOLOGIA:

A pesquisa metodológica deste estudo consiste na pesquisa bibliográfica, segundo Lakatos (2010), numa busca a fonte secundárias, ou seja, consulta a toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, o que inclui publicações avulsas, revistas, livros, pesquisas e arquivos audiovisuais. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito. Este artigo é um estudo metodológico que trata da abordagem de diálogo contextualizado. Assim, o corpo teórico é formado por: Bruner (*Cultura da Educação*, 2001), Barbosa (*Docência Universitária*, 2008), Cury (*Treinando a Emoção para ser Feliz*, 2014) e Duarte (*Aprender a Aprender*, 2004). A primeira seção contextualiza o papel da institucionalização escolar de descobrir talentos na escola e possibilitar na formação dos sujeitos educandos que tenham autoestima na vida profissional e pessoal. Na segunda seção, o contexto é a importância da forma de transmissão do conteúdo, inserindo os modos de pensamento lógico-científico e o narrativo. A terceira seção aborda a educação clássica baseada no método de educar das universidades (cartesiano), contextualizando os fundamentos necessários para que a prática pedagógica seja eficiente.

RESULTADOS:

Após as discursões e interlocuções dos teóricos, resultamos que é em um ambiente superestimulante onde o aluno tem mais prazer em estudar/aprender. As principais funções que as instâncias educativas devem priorizar para um melhor aprendizado é, não apenas transmitir o conhecimento, mas como diz Freire (1996), negociar com seus alunos o melhor caminho de se obter um ensino mais motivador. Diante desse contexto de cenário estimulante educativo, analisamos que a educação só nos possibilitará um impacto positivo, tanto profissionalmente como humanamente, quando a escola desempenhar nas suas práticas, o papel de contribuir na autoestima dos alunos, através de múltiplas ações praticadas, entre elas: fomento da autoestima dos jovens, reconstrução do rosto da educação interativa, exposição dialogada, ou seja, sala de aula em silêncio, não significa que os sujeitos inseridos nela estão motivados. Os educadores têm o papel de despertar os educandos em sala de aula, ajudando-os a serem autores do próprio conhecimento, a acreditarem em si mesmos. O resultado obtido neste estudo é que nas instâncias educativas estão formando sujeitos passivos diante do saber nos níveis básico, médio e superior. Nas universidades, ainda remetem práticas de ensino com o modelo cartesiano causando um ambiente desmotivador, oprimindo os sujeitos de serem instigados do conhecimento, tornando-os com baixa autoestima para estudarem, causando o anseio de serem libertos e navegadores dos saberes educativos do mundo. Então, é nesta

percepção que analisamos e obtivemos como resultado que a prática pedagógica em sala de aula prevalece igual a de séculos passados: XVII, XVIII, XVIII, XX. Portanto, diante das múltiplas facetas contextualizadas, remete-se a necessidade de a educação reformular suas práticas e, seu ambiente escolar desmotivador, que nada atendem às reais necessidades dos jovens alunos modernos. É dessa forma que a prática do educador refletirá na vida dos educandos. A contribuição da prática pedagógica com o objetivo de emancipar os educandos impactará mudanças significativas, não apenas na educação, mas em múltiplas percepções da sociedade.

1. A institucionalização da escola e a criação da autoestima

Quando a escola se institucionaliza ela acaba passando por alguns problemas comuns a todas as instituições. O que a distingue das demais é o fato de lidar com jovens e crianças, tendo grande influência sobre o papel que cada um terá dentro da sociedade, o que o definirá como sujeito. Muitas vezes, as instituições são comparadas a um mercado onde as pessoas negociam capacidades e conhecimentos no intuito de ganhar privilégios e distinções, o que acaba gerando competições para saber qual prevalece sobre a outra. O mesmo acontece na escola, quando faz com que os alunos busquem tirar as melhores notas, não importando se realmente estão aprendendo ou apenas decorando. O importante é que a escola ganhe a reputação de ter o maior número de alunos aprovados, com as melhores notas, sendo reconhecida pelo Estado.

Ao tratarmos da autoestima dos alunos, devemos lembrar que ela pode ser influenciada por diversos fatores, mas principalmente pela escola. Se o aluno não sente entusiasmo, não é instigado pelo professor, conseqüentemente ele não conseguirá enxergar outros caminhos e oportunidades que irão aparecerem no decorrer da vida. Isso porque a escola é responsável pela criação do “si mesmo”, possibilitando ao indivíduo conhecer a si, e ao outro, através de suas experiências. Para isso, deve-se levar em consideração dois aspectos: a ipseidade (a ação) e a avaliação.

Através da ação o indivíduo pode seguir aquilo que deseja realizar por si, seus sonhos, e para o qual possui a habilidade de saber-fazer. Esse “si mesmo” é capaz de regular seus interesses, sua confiança e tem seus próprios objetivos. Então esse deveria ser o objetivo da escolar: formar pessoas autônomas capazes de defenderem seus direitos e exporem suas opiniões, encarando as dificuldades como uma forma de adquirirem mais sabedoria. Contudo, existe dentro desse processo, a possibilidade do fracasso e do êxito e também o surgimento do individualismo como a cultura do *selfie*, algo bastante atual hoje em dia e que nos remete à questão da autogestão do conhecimento defendida por Kant. Atualmente, o jovem tem um grande conhecimento das tecnologias, tanto que é

bem autônomo, capaz de defender sua própria opinião através de algo que ele viu na internet. Assim, o jovem está cada vez mais dependente da tecnologia e a geração *selfie* está tão preocupada olhando para si mesmo que não consegue enxergar o outro, o que gera o individualismo, fazendo julgar não precisar de ninguém.

Com isso pode-se concluir que a tarefa de criar a autoestima é algo muito difícil, mas a escola precisa perceber o quanto influencia a vida desses jovens e o quanto pode mudar o futuro dos mesmos, mostrando que são capazes de enfrentá-lo, dentro e fora da escola, como sujeitos críticos e pensantes que contribuirão para a construção da sociedade.

2. A importância da maneira como o conteúdo é transmitido

O modo de pensar e sentir faz com que a criança crie seu mundo pessoal. Mas, para isso, o ser humano usa dois modos de organizar seu conhecimento de mundo:

[...] São dois os modos genéricos como os seres humanos organizam e gerem o seu conhecimento de mundo, e até estruturam a sua experiência imediata: um parece mais especializado para tratar de “coisas” físicas, o outro, para tratar das pessoas e suas obrigações. A esses se chamam convencionalmente o pensamento lógico-científico e o pensamento narrativo. (BRUNER, 2001, p. 65)

Bruner não menospreza o pensamento lógico-científico, apenas mostra que a forma como é repassado para os alunos faz com que os mesmos o vejam como “chato”. Assim, defende que deveria ser inserida a narrativa na ciência:

[...] para muitos dos jovens presentemente na escola, a “ciência” se tornou aparentemente “desumana”, “insensível” e “desmobilizadora” – a despeito dos válidos esforços de professores de ciências e matemática e suas associações. Na verdade, a imagem da ciência enquanto empreendimento humano e cultural podia ser aperfeiçoada, se fosse concebida como uma história de seres humanos superando as ideias recebidas. [...] podemos ter errado ao divorciar a ciência da narrativa de cultura. (BRUNER, 2001, p. 69)

Atualmente, a ciência trata apenas de teorias e pensadores do passado, contando suas histórias de uma maneira que não prende a atenção do aluno, já que o mais importante é a forma como elas são narradas. Então, o professor teria que criar uma forma de inserir o aluno naquele contexto, para que ele possa se sentir importante naquele ambiente e saber que aquela história poderá influenciar o modo como ele vê determinadas situações.

Fazer parte do mundo, ver-se nas histórias é também um ato de imaginação. O mesmo acontece quando lemos um livro e, no decorrer da narrativa, imaginamos todo o contexto daquela

história na nossa mente, muitas vezes nos colocando no lugar dos personagens. Desta forma, ao terminar um livro, sabemos contá-lo perfeitamente a outra pessoa, simplesmente porque “nos vimos” dentro daquela situação e gostamos de fazer parte dela. Não estamos excluindo o pensamento lógico-científico, pois ele tem um valor muito grande e já faz parte do currículo escolar, já que vivemos em uma cultura tecnológica, apesar de muitas vezes a ciência ser vista como desumana por parte dos jovens, existem alguns que a acham fascinante. O que se poderia fazer era tornar a ciência um pouco narrativa, uma matéria que ensina através de histórias, descobertas importantes feitas por pessoas que superaram as ideias concebidas. A educação deve ajudar os indivíduos que estão em crescimento a se inserirem dentro de sua cultura, buscando sua identidade através da narrativa. Por isso, a educação é vista como arriscada, por alimentar o sentido da possibilidade, como diz Bruner (2001):

[...] A educação não se limita a um simples assunto técnico de processamento de informação bem administrada, nem mesmo à mera questão de aplicar nas aulas “teorias de aprendizagem” ou de usar os resultados da “prova de realização” centrada no sujeito. A educação é uma complexa procura no sentido de ajustar uma cultura às necessidades dos seus membros e de ajustar os seus membros a seus modos de conhecer às necessidades da cultura. (p.70)

A educação não é apenas um sistema de processamento de informações, é principalmente um meio de ajustar os indivíduos, ou seja, os alunos dentro da sua cultura, dentro da sociedade, para que possam aplicar seus conhecimentos no cotidiano, com pensamento crítico, e repassá-los para os demais por meio do diálogo e da coletividade.

3. A educação clássica: ato de educar das universidades

A educação clássica, segundo o psiquiatra e educador Augusto Cury (2014), está há séculos de distância da educação da emoção dos discentes. Ele enfatiza que a culpa está no sistema educacional que se arrasta por séculos sem discutir temas fundamentais para a construção do próprio conhecimento autoral dos discentes na sala de aula e, como consequência desse método cartesiano, bloqueia a autonomia dos discentes na universidade:

Centenas de milhões de alunos cursam a escola clássica, mas não se preparam para a escola da vida [...] não estamos formando jovens emocionalmente saudáveis. Não estamos produzindo pensadores, mas seres reprodutores do conhecimento. (CURY, 2014, p. 30)

As fases em que os discentes são inseridos ao longo da carreira estudantil desde do ensino básico à universidade contribuem para a formação da personalidade e da autoestima. Então, ser incluído em um sistema educacional que o impede de se expor diante de algum contexto em sala de aula, faz com que esse aluno seja repetidor de ideais sem autonomia:

Qual quer sistema de educação, qual quer teoria pedagógica, qual quer “macropolítica nacional” que diminua o papel da escola no fomento da autoestima dos seus alunos falha quanto a uma de suas funções principais[...] mais concretamente, se a ação e a estima são centrais na construção de um conceito de si mesmo, então as práticas escolares habituais precisam de ser examinadas focando dois ingredientes fulcrais da personalidade. (BRUNER, 2001, p. 64)

As instâncias educativas são fundamentais para possibilitarem a autoestima dos sujeitos educandos, pois podem elaborar métodos pedagógicos com o intuito de promover a autonomia e a interação com técnicas de treinamento para a educação ser eficaz. Entre elas estão, segundo Cury (2014):

A primeira técnica consiste em os professores promoverem a “**educação interativa**”. Os alunos devem ser estimulados a saírem da posição de espectadores passivos, que sentam em suas cadeiras e ouvem inertes a transmissão do conhecimento, sem indagar, duvidar ou questionar o assunto exposto. Com isso, os alunos só podem se comprometer com a escola se ela promover uma educação participativa, fazendo-os autores do próprio conhecimento.

Na segunda, a “**exposição dialogada**”, os professores devem ser seguros, olhar nos olhos dos alunos e ser capazes de provocar a capacidade de pensar, estimulando a arte de perguntar e duvidar, já que a inserção na argumentação promoveria a autoestima dos educandos.

A terceira ferramenta de método crucial para o despertar o educando em sala de aula é que os professores sejam bons “**contadores de histórias**”. A transmissão do conhecimento com voz multissonante, segura e teatralizada abre espaço na mente dos alunos que estão com o pensamento acelerado, facilitando a compreensão. De acordo com Cury (2014, p.65) “[...] os professores precisam repensar sua postura em sala de aula e seu papel como educadores.” A importância do método de contar história na sala de aula é defendida por Bruner (2001) como primordial para a construção do saber que reitera através da narrativa do dia a dia:

Provavelmente, a importância da narrativa é tão grande para a coesão de uma cultura como o é para a estruturação da vida individual [...] parece, pois evidente que a capacidade de construção narrativa e de inteligência narrativa é crucial para construir a nossa vida e um “lugar” para nós próprios no mundo possível com o que vamos deparar [...] só na narrativa poderá cada qual construir uma identidade e descobrir um lugar na cultura a que pertence.

As escolas podem cultivá-la, alimentá-la, deixar de dar por garantida. (BRUNER, 2001, p. 69)

Para a quarta técnica, Cury (2014) nomeia o docente com o papel de **“reconstruir o rosto do conhecimento”**. Todas as vezes que os professores fossem transmitir uma nova matéria, deveriam reconstruir o gosto do conhecimento, o que seria possível contando uma história sintética dos cientistas que o produziram o conhecimento transmitido, o que significaria reconstruir o clima emocional que eles viveram enquanto o produziam:

O conhecimento sem rosto não educa a emoção nem estimula a arte de pensar [...] nada prejudica mais o desenvolvimento da Inteligência dos alunos do que transmitir o conhecimento pronto, frio, sem rosto, sem história, sem vida. Os alunos não amam o conhecimento porque ele é transmitido sem tempero, sem emoção. Os alunos serão sempre reprodutores do conhecimento e não pensadores se não compreenderem que o conhecimento exposto nas aulas e contido nos livros foi produzido com arte, aventura, paixão. (CURY, 2014, p. 66)

Analisa-se a importância dos professores serem capazes de transformar teoria em prática, ou seja, serem capazes proporcionar aos alunos a experiência da produção do conhecimento, possibilitando que sejam críticos e, estimulando a paixão para o mundo das ideias.

A quinta técnica é **“elogiar e resgatar a autoestima dos alunos”**, ressaltando que o grande mestre educador é um promotor da autoestima dos alunos, passando a ser um mestre do elogio, encorajando a participação ostensiva dos alunos em sala de aula e valorizando cada ideia que eles expressam. Segundo Cury (2014, p. 67): “Os alunos precisam de ter autoestima sólida. Elogie os alunos tímidos.”

A sexta é **“cruzar o mundo dos professores com o dos alunos”**. Os professores devem cruzar suas histórias com as dos alunos, não tendo medo de falar de si, de suas experiências reais de vida quando transmitem temas transversais.

Na sétima é **“ensinar técnicas do treinamento da emoção e gerenciamento da emoção e gerenciamento do pensamento”**, pois os professores não podem se preocupar em dar 100% das matérias que lhe foram incumbidas. Essa educação está errada e falida, pois numa educação participativa, que valorize o treinamento da emoção, deve-se dar mais atenção à qualidade das informações do que à quantidade. Qualquer escola que seguir esses princípios da educação da emoção sofrerá uma revolução. Os professores precisam ser sinteticamente treinados para incorporá-los:

Se o que queremos na educação é produzir alunos que armazenem milhões de dados na memória como os computadores, então é melhor substituí-los por eles, pois são mais eficientes que nós nesta área [...] agora se queremos produzir homens que pensem, trabalhem em equipe e saibam navegar nas águas da emoção, precisamos, então, rever a política educacional do armazenamento e utilização das informações. (CURY, 2014, p. 72)

Segundo Duarte (2004), no ensino educacional, para a educação dar respostas ao conjunto das suas missões, ela deve se organizar em torno de quatro aprendizagens fundamentais, os pilares do conhecimento para cada indivíduo:

- 1) **“Aprender a conhecer”**: adquirir os instrumentos que possibilitem uma compreensão mais eficiente do aprendizado.
- 2) **“Aprender a fazer”**: para poder agir sobre o meio que o envolve perante a sociedade.
- 3) **“Aprender a viver juntos”**: com a finalidade de participar e cooperar com os sujeitos em todas as atividades humanas.
- 4) **“Aprender a ser”**: essencial para integrar as três precedentes, já que entre elas existem múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.

Enfatiza-se que a educação conservadora e permanente deve ser repensada, pois, além das necessárias adaptações com as alterações da vida profissional, ela deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir. Assim, o educando tomará consciência de si próprio e do meio social que o rodeia e desempenhará o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão, com o propósito de caminhar para uma “sociedade educativa”, cujo objetivo principal seja de a escola transmitir o gosto pelo prazer de aprender e pela curiosidade intelectual, e que gere o diálogo entre professor e aluno

Um ensino de qualidade, que busca formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la, deve também contemplar o desenvolvimento de capacidade que possibilite adaptações às complexas condições e alternativas de trabalho que temos hoje a lidar com a rapidez na produção e na circulação de novos conhecimentos e informações, que tem sido avassaladora e crescente. [...] a formação escolar deve possibilitar aos alunos condições para desenvolver competência e consciência profissional, mas não restringir-se ao ensino de habilidades imediatamente demandadas pelo mercado de trabalho. (DUARTE, 2004, p. 64)

Através desse ato de educar as práticas pedagógicas teriam uma revolução favorável no novo contexto educacional nas universidades, favorecendo o desempenho do saber dos educandos:

Implica simplesmente que o professor não desempenhe esse papel como um monopólio e que também os próprios alunos “montem os andaimes” uns para os outros[...] pretendemos também que os alunos adquiram bom discernimento, autoconfiança e mútua capacidade de trabalhar em conjunto. (BRUNER, 2001, p. 42)

CONCLUSÕES

Diante do exposto do estudo teórico por Bruner (2001), Barbosa (2008), Cury (2014), Duarte (2004), Freire (1996), Marconi e Lakatos (2010), fundamentamos os resultados prévios que a prática/teoria dos educadores influencia na autoestima dos sujeitos educandos. Segundo Freire (1996), mal se imagina o que um gesto do professor possa representar na vida de um aluno. É nesta concepção que resultamos a importância da relação de aluno/professor como sujeitos inseridos na escola, não apenas interlocutores de transmissão/recebimento de informação, mas compartilhando suas experiências narrativas de vida, trazendo ao contexto da aula conteúdos ensinados que envolvam os seus cotidianos. Assim, o ambiente escolar torna-se estimulante, motivador da autoestima dos mesmos e o aprendizado terá uma evolução significativa.

Através deste contexto, analisamos que, para a educação evoluir, as primeiras atitudes de mudança têm que ser das instâncias educativas. Diante desse embate de interlocuções com alternativas múltiplas para o ensino inovador, resultamos que as instâncias educativas de ensino básico, médio e superior ainda continuam com o mesmo o ato de ensinar estático, conservador e desmotivador para os sujeitos educandos. O sistema da educação precisa urgentemente excluir a prática do aprendizado limitado e programado, repassado há décadas. Este estudo incentivou-me, como futura professora, a inserir as práticas pedagógicas, inovando a sala de aula e revolucionando o ensino, através de praticar a teoria. Isso será extremamente relevante para o ensino/aprendizado, pois impactará no estudante de licenciatura, que será o futuro professor que também irá incorporar em suas posteriores aulas essas práticas motivadoras para os educandos. Só assim teremos mudanças significativas, tanto humana quanto profissionalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BARBOSA, M. A.G. **Docência Universitária**: um debate em construção. Recife: Ed. UFPE, 2008.
- BARBOSA, M.A.G. **De Comunicador Social a professor universitário**. A construção dos saberes docentes. Dissertação de Mestrado. PPGE/UFPE.2006.
- BRUNNER, J. **Cultura da Educação**. 1.Ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001. Disponível em: <<http://filosofiaartevida.blogspot.com.br/2012/11/biografia-de-jerome-bruner.html>.> Acesso em 01 jun. 2015
- CURY, A. **Treinando a Emoção Para Ser Feliz**. 2.Ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DUARTE, N. **Aprender a Aprender**. Críticas às apropriações neoliberais e pós-moderna da teoria vigostskiana. 3.Ed. Campinas, SP: 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7.Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

